

LIVRO DO DEUTERONÔMIO

Uma chave de leitura

CENTRO BÍBLICO VERBO

A LEI EM FAVOR DA VIDA?

Vamos apresentar algumas chaves para ler e entender o livro do Deuteronômio, que significa “Segunda Lei”. Uma leitura atenta do livro do Deuteronômio, o leitor poderá perceber que está diante de um texto complexo. O livro do Deuteronômio é fruto de um longo processo redacional e com diferentes imagens de Deus, o que podemos ler em algumas citações.

- **“Ele (Javé) faz justiça ao órfão e à viúva e ama o migrante (estrangeiro), dando-lhe pão e roupa. Portanto, amem o estrangeiro, porque vocês foram migrantes na terra do Egito” (Dt 10,18-19).**
- **“Javé, o nosso Deus, o entregou diante de nós, e nós o derrotamos, como também a seus filhos e a todo o seu povo. Nessa ocasião, capturamos todas as suas cidades e consagramos cada uma delas ao extermínio. De homens, mulheres e crianças, não deixamos nenhum sobrevivente (estrangeiros)” (Dt 2,33-34).**

As contradições presentes, as variações de estilo, as repetições, diferentes cenários, a presença de unidades autônomas, as várias frases introdutórias indicam que o livro do Deuteronômio se formou aos poucos. o processo de redação desse livro durou quase quatro séculos.

Na parte mais antiga do livro, contida em Dt 12-26, encontramos a memória do êxodo do Egito, que preserva a experiência de uma divindade sensível ao sofrimento do povo e leis sociais em favor dos pobres. Essas tradições, que remontam ao período pré-estatal de Israel (1200-1000 a.C.), foram retomadas

e reescritas no tempo da monarquia, no reino de Israel Norte, em meados do século VIII a.C., pressionado pelo movimento profético popular. Os profetas denunciaram a exploração e a dominação do Estado que impôs a lei da centralização a serviço do poder e de lucro.

Com a destruição de Israel Norte (722 a.C.), muitos israelitas fugiram para Judá (Sul) levando consigo suas tradições. Entre elas, o material que serviu de base para reforma do rei Ezequias que editou Dt 12-26. Depois, o mesmo texto foi, ao longo da história, revisto, ampliado e chega até ao atual livro: Dt 1-32. Por isso, o livro do Deuteronômio tem vários autores ou grupos sociais, com diferentes interesses, situações, locais e momentos históricos. Vamos destacar quatro etapas principais do nascimento do livro:

A 1ª Etapa foi a Reforma de Ezequias (716-701 a.C.):

As guerras causadas pelo avanço do império assírio e a queda da capital de Israel Norte, Samaria, provocaram a fuga de um grande número de refugiados para Judá, obrigando o rei Ezequias decretar leis sociais para amenizar a crise pela chegada dos refugiados, estrangeiros, órfãos e viúvas. Ao mesmo tempo, com a destruição do seu rival Israel Norte, Judá se tornou um Estado forte e assumiu uma política expansionista. O culto a Javé foi centralizado no templo de Jerusalém, como religião oficial, a serviço da centralização do poder e da riqueza. Para promover essa política, os escribas do rei, chamados de “deuteronomistas” escreveram Dt 12-26, chamado “Livro da lei”. Na reforma de Ezequias acontece a primeira edição do livro do Deuteronômio – Dt 12-26 (Livro da Lei).

A 2ª Reforma de Josias (620-609 a.C.):

Aproveitando a crise da Assíria enfraquecida por causa da guerra contra a Babilônia, o rei Josias, quase cem anos depois, retomou e executou a reforma iniciada por Ezequias. Ele empreendeu uma política expansionista e militar, realizou a

centralização de Javé oficial do Estado e empreendeu uma perseguição violenta contra outras divindades e até mesmo os deuses domésticos. Nessa realidade, os escribas do rei revisaram, ampliaram, sobretudo a lei da centralização, e reeditaram Dt 12-26, transformando-o em Dt 4,44-28,68, chamado de “Livro da Aliança” (2Rs 23,2). Na reforma de Josias, o texto do livro da Lei é revisto, ampliado e reeditado: Dt 4,44-28,68 (O livro da Aliança).

A 3ª etapa foi Redação exílica (587-538):

Entre 597 e 587 os reis Joaquim e Sedecias, sucessores de Josias, instigados pelo Egito, levantaram-se duas vezes contra a Babilônia, provocando a destruição de Judá (2Rs 23,36-25,21). Na segunda invasão da Babilônia, em 587 a.C., teve como consequência a queda de Jerusalém e o exílio. Nesta realidade, os escribas revisaram e fizeram acréscimos no texto de Dt 4,44-28,68 para confirmar que o exílio foi castigo de Javé, causado pelo rompimento da aliança por parte do povo, sobretudo dos governantes. Os escribas levitas tentaram animar e orientar o povo para o arrependimento e para voltar à Lei de Javé.

A 4ª etapa foi Redação pós-exílica (538-400 a.C.):

Com Neemias e Esdras o império persa reconstruiu Judá e Jerusalém como uma teocracia, um centro de poder sócio político fortificado dirigido pelos sacerdotes, para controlar o Egito.

A teocracia, por um lado estabelece Javé como o único Deus do universo (Dt 4,35; Dt 26,12-15), proibindo qualquer tipo de imagem ou representação cúltica (cf. Dt 4,9-20); e por outro lado, apresenta Israel como povo eleito, povo santo, submetido à lei do puro e do impuro, fortalecendo o templo de Jerusalém como centro arrecadador das oferendas pela purificação, e de todas as ofertas e sacrifícios (Dt 7,1-5; Esd 9).

Na redação final, o livro do Deuteronômio 1-34 faz um apelo à conversão e à unidade do povo eleito na obediência à Lei, e exalta

Moisés, como o patrono da Lei e único mediador entre o povo de Israel e Javé, o Deus poderoso e único da teocracia judaíta.

Redação exílica e pós-exílica: revisão de Dt 4,44-28,68 e ampliação: Dt 1,1-43 (Introdução geral), 28,69-30,20 (Conclusão geral) e 31,1-34,12 (Apêndice).

O livro do Deuteronômio apresenta textos de teor humanitário, com leis de proteção para não explorar o assalariado, os necessitados e os pobres (Dt 24,19-21). Mas também apresenta outros textos desumanizadores que justifica matar em nome de Deus, por exemplo, Dt 12. Ou ainda oprimir e escravizar mulheres e crianças (Dt 21,10-14). Isso são marcas do processo redacional que durou mais ou menos quatro séculos. (por vários autores, em diferentes períodos e realidades). É preciso conhecer a história do Antigo Israel para entender o livro do Deuteronômio.

O livro do Deuteronômio apresenta o Deus do Êxodo. O povo viveu a experiência de um Deus do caminho, sensível à sua realidade de sofrimento e essa mesma experiência continua sendo vivida por todos nós, que acreditamos que Deus continua caminhado conosco.

A experiência do êxodo (saída) com o Deus libertador está no coração da fé bíblica. A partir de 1200 a.C., havia grupos de camponeses, pastores, operários, imigrantes, forasteiros, escravos e marginalizados, explorados e submetidos ao domínio dos reis cananeus das cidades-estado e do faraó do Egito. Esses grupos lutaram pela vida, saíram das planícies para a região montanhosa no centro de Canaã e formaram uma nova sociedade, marcada pela partilha e solidariedade. A memória do êxodo foi contada, recontada e celebrada, sempre evidenciando a atuação do Deus dos pequenos: uma divindade que se fez presença libertadora junto aos oprimidos: **“Viu nossa aflição, nosso sofrimento e nossa opressão. E Javé nos tirou do Egito com mão forte e braço estendido, em meio a grande terror, com sinais e prodígios” (Dt 26,7).**

Em 722 a.C., Samaria, a capital de Israel Norte, é conquistada pelo império Assíria. Com a guerra, um grande número de pessoas sofridas saiu do seu país em busca da vida. Neste contexto, a experiência do êxodo foi lembrada para ajudar os pobres migrantes: **“Por todas as coisas boas que Javé, o seu Deus, tiver dado a você e à sua casa, você se alegrará, você, o levita e o migrante está com você. A cada três anos, no ano dos dízimos, quando você tiver acabado de separar todo o dízimo de sua colheita e tiver dado ao levita, ao migrante, ao órfão e à viúva, para que eles comam dentro das portas de sua cidade, até ficarem satisfeitos” (Dt 26,11-12).**

Ao partilhar os dízimos com os pobres necessitados, o povo de Israel proclama e vive a fé no Deus libertador do êxodo.

A memória de Deus Libertador perpassa a história do povo de Israel e chega até os nossos dias. O sonho de uma terra “que mana leite e mel” é o sonho de uma vida digna para todas as pessoas. Apesar das dificuldades e escravidões da vida moderna, continuamos experimentando, por meio da solidariedade das pessoas, o rosto de um Deus que continua ouvindo o nosso clamor:

1. Qual a experiência de Deus que sustenta a nossa caminhada?
2. Como a nossa comunidade manifesta solidariedade com as pessoas que sofrem?

A experiência do Deus do Êxodo transmite a certeza de que o projeto de Deus é vida digna para todas as pessoas. Uma experiência que deveria levar o povo, e nós também, a se comprometer com a implantação de uma sociedade justa e solidária.

O povo de Israel surge por volta de 1200 a.C., como sociedade tribal, tendo um governo descentralizado e uma economia baseada na partilha e na igualdade. Algumas leis sociais foram elaboradas para manter o espírito de apoio mútuo e

solidariedade, sistema que durou por cerca de 200 anos. Aos poucos, foi estabelecida a monarquia em Israel, cujo poder era centralizado nas mãos de um rei e de seus assessores provocando a injustiça social. A maioria da população camponesa sofria com a exploração pela elite governante. Diante dessa realidade, o movimento profético popular retomou e fortaleceu as leis sociais em favor dos pobres. O profeta Miqueias, por exemplo foi duro em sua crítica a elite governante: **“Ai daqueles que, deitados na cama, ficam planejando a injustiça e tramando o mal! É só o dia amanhecer, já o executam, porque têm o poder nas mãos. Cobiçam campos, e os roubam; querem uma casa, e a tomam. Assim oprimem ao varão e à sua casa, ao homem e à sua herança”** (Mq 2,1-2).

No tempo de Ezequias, o país atravessa grave crise causada pelas guerras provocadas pelo avanço Assírio e pela violência da elite política e agrária sempre querendo mais lucro e poder, explorando os refugiados estrangeiros, órfãos e viúvas. Então os gritos de profetas como Miqueias, que atuou nesta época, levam os **escribas reforçarem leis sociais de proteção aos pobres, estrangeiros, órfãos e viúvas. “Não distorças o direito do imigrante e do órfão, nem tomes em penhor a veste da viúva. Lembre-se: você foi servo no Egito e daí Javé, o seu Deus, o resgatou. É por isso que eu o mando agir desse modo”** (Dt 24,17-18).

Fazer memória da ação libertadora de Deus em nossa vida pessoal e comunitária nos ajuda a sermos solidárias e solidários com as pessoas que sofrem. Deus nos chama e nos envia para construirmos uma sociedade na qual as pessoas tenham seus direitos garantidos.

1. Quem são hoje o órfão, a viúva e o estrangeiro e o que nós fazemos para que essas pessoas tenham condições de vida digna?
2. Como o nosso agir colabora para a construção de uma sociedade justa?

É importante que cada comunidade tenha seus momentos de festa comunitária para fortalecer sua identidade e o seu projeto de solidariedade com as pessoas empobrecidas.

Originalmente, a Páscoa era uma festa de pastores, celebrada na primavera pedindo proteção e cuidado para a família e o rebanho, mais tarde esta festa foi associada com a história do êxodo, a festa da libertação. A Páscoa era festejada nas casas dos camponeses e presidida pelos anciões para celebrar a vida e agradecer à divindade protetora e libertadora (cf. Ex 20,22-26). E as ovelhas sacrificadas na festa eram partilhadas com os vizinhos para fortalecer a solidariedade e a união.

Mais tarde, no tempo de Josias (620 a.C.), a Páscoa foi apropriada pelo Estado e, como parte da religião oficial, passou a ser celebrada unicamente no templo de Jerusalém: “Foi somente no ano dezoito do rei Josias que tal Páscoa de Javé foi celebrada em Jerusalém” (2Rs 23,23). Com isso a Páscoa passa por muitas mudanças:

- somente os sacerdotes do templo de Jerusalém podem degolar os cordeiros pascais. Os anciões das famílias perdem sua função religiosa.
- A Páscoa torna-se uma festa de peregrinação nacional, beneficiando imensamente a economia do templo e da cidade de Jerusalém: hospedagem, comércio, venda do animal sacrificial etc.
- Como festa centralizada, passa a fazer parte da legitimação religiosa da concentração de riqueza e poder em Jerusalém.

É a centralização religião no templo a serviço da riqueza e do poder do Estado.

Todo ano nós celebramos a Páscoa para tornar vivo o projeto de Deus realizado em Jesus Cristo: a libertação plena do ser humano. E hoje esse projeto está em nossas mãos. Com Jesus,

continuamos a missão de Deus: implantar o seu reino - uma sociedade em que a riqueza e o poder sejam partilhados.

1. O que aprendemos ao recordar a história da celebração da Páscoa, que começou como festa da partilha, solidariedade e libertação, e terminou como festa centralizada no templo?
2. Como são as nossas celebrações: ritualistas? alienadas? comprometidas?
3. Percebemos hoje práticas de centralização a serviço do poder e do lucro? Como resistir e profetizar contra elas?

O texto bíblico nos ensina que o exercício do poder deve estar a serviço do direito e da justiça. Dia a dia, vemos o aumento da pobreza, as filas imensas do INSS e dos postos de saúde, a corrupção sem limites dos governantes e dos poderosos. Queremos compreender o exercício do poder de nossas elites e de todos nós à luz de Dt 17,14-20.

A política militarista e expansionista do rei Sedecias, de seus profetas e sacerdotes, provocou o desastre nacional em Judá: a invasão da Babilônia, a destruição de Jerusalém e o exílio. Em meio ao sofrimento e ao desespero, os sobreviventes da cidade de Jerusalém apontaram abusos e crimes dos governantes: “Pelos pecados dos profetas e pelos crimes dos sacerdotes é que derramaram sangue inocente dentro da cidade” (Lm 4,13). E fortaleceram a lei sobre o rei e seus governantes, que devem estar a serviço de Javé e do seu povo.

Para que o governante esteja a serviço do povo sem o abuso do exercício do poder, os levitas líderes dos sobreviventes de Jerusalém, enumeram três leis básicas:

1. “O rei não deverá multiplicar cavalos, nem fazer que o povo volte ao Egito para multiplicar a cavalaria” (v. 16). O cavalo representa o poderio militar usado na política militarista e expansionista que leva os últimos reis de Judá para a aliança com o Egito e

provoca a invasão da Babilônia. E na política interna, o poderio militar também aumenta a violência e a opressão contra o povo.

2. “Ele também não deverá multiplicar o número de suas mulheres, para que seu coração não se desvie” (v.17a). O harém real serve como orgulho e status do rei poderoso em busca do próprio interesse.
3. “E também não multiplicará para si prata e ouro” (v.17b). O rei não deve acumular a riqueza em benefício próprio do poder, mordomia, ostentação e esbanjamento.

É importante ter presente o projeto de Deus para confrontarmos o uso do nosso poder. A legislação do Deuteronômio adverte contra a ganância e o abuso do poder. Para as pessoas cristãs, o modelo de autoridade e de poder é o de Jesus Cristo, que se fez Servo.

1. Como nós usamos o nosso poder em nossa ação comunitária e social?
2. Em que sentido nós e nossas comunidades enfrentamos o autoritarismo e o abuso de poder?
3. O que estamos fazendo diante das notícias de abuso de poder de nossas autoridades políticas e religiosas?

Intolerância, condenação e perseguição contra outras formas de cultos e sociedade. Com frequência ouvimos ataques contra diferentes religiões em nome de uma fé pura. Em nome de uma fé pura, destroem-se símbolos religiosos de diferentes igrejas.

- *Se Deus é Amor e se manifesta no amor, como entender esse desrespeito com outras religiões?*
- *Isto é vontade de Deus?*

Nossa compreensão tradicional do Antigo Testamento é marcada pelo monoteísmo, que apresenta Javé como o Deus único de Israel. No entanto, nas últimas décadas, a arqueologia e as pesquisas literárias revelam a existência de um panteão das divindades e **Javé** como uma delas ao lado de

El (o deus supremo),
Baal (o senhor do solo e o deus da chuva) e
Aserá (a deusa da fecundidade).

Com a chegada da monarquia em Israel, Javé, o Deus do exército, pouco a pouco ganha espaço oficial e é cultuado como o Deus nacional do Estado, eliminando outros deuses, como El e Baal. Na história de Judá, o rei Ezequias e o rei Josias impõem o templo de Jerusalém como centro religioso único em nome do Javé oficial, para a centralização do culto em Jerusalém, perseguindo outras manifestações religiosas de qualquer divindade.

A violência atinge até a casa e as relações familiares: **“Se seu irmão, filho de seu pai ou de sua mãe, ou seu filho ou filha, ou a mulher que repousa em seu peito, ou um amigo que você quer como a si mesmo, tentarem seduzir você secretamente, convidando: ‘Vamos servir a outros deuses (...), não concorde, nem o escute. Que seu olho não tenha piedade dele, não use de compaixão, nem acoberte o erro dele. Pelo contrário, você deverá matá-lo”** (Dt 13,7-10a).

A reforma de Josias utiliza ainda o outro meio para fortalecer a centralização do culto: “Apedreje-o até que morra, pois tentou afastar você de Javé, o seu Deus, que o tirou do Egito, da casa da escravidão” (v.11), Josias utiliza e se apropria, exatamente, do Deus do êxodo para impor a centralização do culto em Jerusalém. Com a força da imposição, o Deus do êxodo, não é mais a divindade sensível à vida; ao contrário, Ele persegue e mata quem não obedece à ordem do Estado, instalando o terror e o medo.

A imagem do Deus poderoso e castigador perpassa a história e chega ao Sinédrio do tempo de Jesus. Fariseus pregam a salvação pela estrita observância da lei do puro e do impuro e impõem o Deus legalista e castigador para alimentar o medo no povo, visando o seu controle. Eles proíbem até o uso do nome de Javé, designando-o como “Meu Senhor” (*adonai* em hebraico). Mas, a fé

no Javé popular não se apaga. No movimento de Jesus de Nazaré, Deus, chamado “Pai”, continua sendo Deus paternal e maternal da gratuidade que escuta e acolhe os pequenos: **“Eu te louvo. Pai, Senhor do céu e da terra, porque escondeste estas coisas aos sábios e entendidos, e as revelaste aos pequeninos. Sim, Pai, assim foi do teu agrado” (Lc 10,21).**

A fidelidade ao Deus Libertador supõe respeito à diversidade étnica, religiosa e de gênero. A não aceitação das diferenças e a intolerância provoca violência e morte. A imagem de um deus que legitima o medo, a violência, a opressão, a morte do próximo, o assassinato do inocente é contrária a uma experiência libertadora de um Deus sensível às injustiças que vê e escuta as pessoas oprimidas e se levanta para libertá-las manifestado em Jesus.

1. Como nos relacionamos com pessoas de diferentes religiões?
2. Quais as divindades a que somos seduzidas/os para servir hoje?
3. Qual a imagem de Deus que sustenta a nossa vida e missão?

Apresentamos algumas chaves de leitura para o livro do Deuteronômio, que contém várias leis:

- leis sociais em favor dos pobres;
- leis de centralização a serviço do poder e do lucro;
- a lei do Deus poderoso e castigador e tantas outras leis.

É preciso entender cada lei dentro da sua realidade e sempre se questionar: está lei está em favor da vida? Como Jesus interpretaria esta Lei?

Que o estudo e a reflexão do livro do Deuteronômio renovem cada um de nós e nossas comunidades para que sejamos sinais da promoção da lei do Deus da vida, que vê e escuta as pessoas oprimidas e se levanta para libertá-las. Somos convocadas e convocados para construir um reino de justiça, igualdade, fraternidade e, sobretudo, de amor solidário com as crucificadas e os crucificados de hoje. Que a nossa fidelidade ao Deus do êxodo, o Deus de Jesus, nos torne pessoas sempre mais sensíveis e solidárias.

MONARQUIA NA TERRA DE ISRAEL Aprox. séc. XI a VI a.E.C.

MONARQUIA UNIDA - séc. XI a X		
Período (Aprox.)	Reis	Profetas
1030-1010	Saul	Samuel (Juiz/Profeta) Natã - Gad - Aías de Silo
1010- 976	Davi	
976- 931	Salomão	

SINCRONIA DOS REIS DE ISRAEL E JUDÁ

MONARQUIA DIVIDIDA						
REINO DE ISRAEL (NORTE) - séc. X a VIII			REINO DE JUDÁ (SUL) - séc. X a VI			
Período	Reis de ISRAEL	Profetas	Período	Reis de JUDÁ	Profetas	
931-910	JEROBOÃO I	Aías de Silo	931-913	ROBOÃO		
910-909	Nadab		913-911	Abiam		
909-886	Baasa		911-870	Asa		
886-885	Ela					
7 dias	Zambri (= Zinri)					
885-874	AMRI (Onri)					
874-853	ACAB		870-848	Josafá		
853-852	Ocozias		Elias/Eliseu Miquéias de Jemla	848-841		Jorão
852-841	Jorão			841		Ocozias (= Acázias)
841-814	JEÚ			841-835		Atalia
814-798	Joacaz		835-796	Joás		
798-783	Joás		796-781	Amásias		
783-743	JEROBOÃO II	Amós	781-740	Ozias (= Azarias)		
743	Zacarias		Oséias	740-736	Joatão	
743	Selum					
743-738	Manaém					
738-737	Facéias (= Pecaías)					
737-732	Facéia (= Peca)					
732-724	Oséias					
722-721	Queda de Samaria					
				736-716	ACAZ	Isaías I Miquéias
			716-687	EZEQUIAS	Baruc Hulda Sofonias Habacuc Jeremias	
			687-642	Manassés		
			642-640	Amon		
			640-609	JOSIAS		
			609	Joacaz		
			609-598	Joaquim		
			598	Joiáquin		
			598-587	Sedecias		
			587-586	Queda de Jerusalém		
					Naum	

FONTE: GRUEN, W. *O tempo que se chama hoje: uma introdução ao Antigo Testamento*. São Paulo, Paulus, 1978. P. 81.

ARTE: José Flávio Morais Castro, 2001.

Visão global 7

Entre a fé e a fraqueza



Serviço de Animação Bíblica - SAB



23